



Vol. 19, nº 2 (2020)

DOI: 10.30681/issn22379304v19n02/2020p32-47

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA OBRA DE MARINA COLASANTI

VIOLENCE AGAINST WOMEN IN THE WORK OF MARINA COLASANTI

Ana Cláudia Reis¹

Recebimento do texto: 15/08/2020

Data de aceite: 13/09/2020

RESUMO: Este artigo faz uma abordagem sobre a mulher a partir do conto “Para que ninguém a quisesse”, de Marina Colasanti, presente na obra *Contos de Amor Rasgados*. Tem-se como objetivo analisar a narrativa, levantando a questão da mulher que, em nossa sociedade, estruturalmente machista, sofre todo tipo de agressão. Por meio do conto de Marina Colasanti, busca-se verificar diferentes formas de violência sofridas pelas mulheres: física, moral, psicológica e outras. Na base teórica, tem-se Beauvoir (1970), Ribeiro e França (2014), Del Priori (2013), entre outros autores.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher; Violência; Sociedade.

ABSTRACT: This article approaches the woman from the short story “So that nobody wanted her”, by Marina Colasanti, present in the work *Contos de Amor Torngados*. The objective is to analyze the narrative, raising the question of the woman who, in our society, which is structurally macho, suffers all kinds of aggression. Through Marina Colasanti's short story, we seek to verify different forms of violence suffered by women: physical, moral, psychological and others. On the theoretical basis, there are Beauvoir (1970), Ribeiro and França (2014), Del Priori (2013), among other authors.

KEYWORDS: Woman; Violence; Society.

¹ Mestrado em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, e-mail: anac_82@hotmail.com.



Introdução

O artigo tratará da violência contra a mulher, representada no conto “Para que ninguém a quisesse”, de Marina Colasanti, para esse fim trazemos como a mulher é vista na sociedade e qual o valor que ela tem para essa sociedade. Depois realizaremos a análise do conto da autora mencionada.

A obra *Contos de Amor Rasgados*, de Marina Colasanti, apresenta 99 contos e é destinada a adultos, trazendo temas sobre relações entre marido e mulher, namorados, relações extraconjugais. Já no título, temos uma metáfora que expressa as relações amorosas que não tiveram êxito, por isso rasgado. O conto selecionado faz parte dessa obra. Segundo Paulino,

Por haver uma ampla gama de mulheres protagonistas em seus contos, as representações femininas nas obras de Colasanti se mostram de diversas formas. Existem, claro, homens que protagonizam contos de Colasanti, mas é bem provável que, por conta do envolvimento da autora com a questão do gênero, as personagens femininas tenham mais força em suas narrativas (2014, p. 70).

Marina Colasanti é uma escritora contemporânea e com isso teve destaque no jornalismo, conscientizando a sociedade, com seus textos em jornais, revistas e seus livros, sobre a situação vivida pela mulher brasileira. Em uma entrevista, a autora afirma: “Quero que, através da emoção, a pessoa se questione, reflita, pense, interrogue-se. A literatura serve para isso”. (COLASANTI, 2017). Prass e Appel (2010) afirmam que a autora é considerada, por esse motivo, uma escritora feminista. “A literatura feminista tem contribuído na conscientização e reflexão sobre as atitudes conservadoras dos indivíduos em uma sociedade, salientando as aparências psicológicas e sociais de seus personagens” (PRASS; APPEL, 2010, p. 32). Isso aparece no conto que iremos trabalhar, a mulher sofre pela dominação do marido,



enraizada na sociedade. O marido passou a controlar as vestimentas da mulher (decote, bainha, saltos altos). Quando percebeu que apesar disso os homens ainda a cobiçavam, ele cortou seus cabelos, símbolo da feminilidade.

No Brasil, mesmo com o “novo feminismo” aflorando na década de 70, ainda temos raízes no domínio do patriarcado. A cultura não se modifica de uma hora para a outra. Beauvoir (1970), de acordo com Castilla-Matín e Oliveira (2005) influenciou o “novo feminismo”, explica como o homem via a mulher.

Com o advento do patriarcado, o macho reivindica acremente sua posteridade; ainda se é forçado a concordar em atribuir um papel à mulher na procriação, mas admite-se que ela não faz senão carregar e alimentar a semente viva: o pai é o único criador (BEAUVOIR, 1970, p. 29)

O patriarcalismo teve grande domínio na sociedade: o homem tinha o direito paterno e a ele cabia obediência total. E na parte financeira o homem também recebe todos os direitos. Portanto na família patriarcal “a mulher é oprimida” (BEAUVOIR, 1970, p. 75). Ainda hoje a mulher sofre reprimendas sociais e familiares. A mulher não tem direitos iguais aos homens, e ainda cabe a elas a responsabilidade de muitas funções no lar, além de cuidar dos filhos e trabalhar fora. Enquanto boa parte dos homens exerce a função de progenitor e aquele que sustenta a família. Isso se difere um pouco do conceito de Beauvoir.

Desde a origem da humanidade, o privilégio biológico permitiu aos homens afirmarem-se sozinhos como sujeitos soberanos. Eles nunca abdicaram o privilégio; alienaram parcialmente sua existência na Natureza e na Mulher, mas reconquistaram-na a seguir. Condenada a desempenhar o papel do Outro, a mulher estava também condenada a possuir apenas uma força precária: escrava ou ídolo, nunca é ela que escolhe seu destino (BEAUVOIR, 1970, p. 977).



Na atualidade, o homem ainda quer ser o chefe da família e não seria impor sua opinião. Para isso muitos usam violência para ter domínio sobre a mulher, tanto a física quanto a psicológica, destruindo a autoestima da mulher. A violência contra a mulher pode ser vista em um pequeno excerto do conto “Para que ninguém a quisesse”:

Porque os homens olhavam demais para a sua mulher, mandou que descesse a bainha dos vestidos e parasse de se pintar. Apesar disso, sua beleza chamava a atenção, e ele foi obrigado a exigir que eliminasse os decotes, jogasse fora os sapatos de saltos altos. Dos armários tirou as roupas de seda, da gaveta tirou todas as joias. E vendo que, ainda assim, um ou outro olhar viril se acendia à passagem dela, pegou a tesoura e tosquiu-lhe os longos cabelos.

Agora podia viver descansado. Ninguém a olhava duas vezes, homem nenhum se interessava por ela. Esquiva-se como um gato, não mais atravessava praças. E evitava sair. Tão esquiva se fez, que ele foi deixando de ocupar-se dela, permitindo que fluísse em silêncio pelos cômodos, mimetizada com os móveis e as sombras. Uma fina saudade, porém, começou a alinhavar-se em seus dias. Não saudade da mulher. Mas do desejo inflamado que tivera por ela. Então lhe trouxe um batom. No outro dia um corte de seda. À noite tirou do bolso uma rosa de cetim para enfeitar-lhe o que restava dos cabelos. Mas ela tinha desaprendido a gostar dessas coisas, nem pensava mais em lhe agradar. Largou o tecido em uma gaveta, esqueceu o batom. E continuou andando pela casa de vestido de chita, enquanto a rosa desbotava sobre a cômoda (COLASANTI, 1986, p. 71-72).

De acordo com Prass e Appel (2010) as escritoras começaram a expor o sofrimento e a dominação que as mulheres viviam através da literatura, e por isso fica claro na obra *Contos de Amor Rasgados* toda a dor que as mulheres vivenciam. “As escritoras começam a expor suas realidades que são interiorizadas, psicológicas ou introvertidas e que acabam superando o estágio que as mulheres sofreram, de dominação do masculino” (PRASS; APPEL, 2010, p. 37):

A literatura sobre violência contra a mulher tem suas origens no início dos anos 80, constituindo uma das principais áreas temáticas dos



Vol. 19, nº 2 (2020)

estudos feministas no Brasil. Esses estudos são frutos das mudanças sociais e políticas no país, acompanhando o desenvolvimento do movimento de mulheres e o processo de redemocratização (SANTOS & IZUMINO, 2005, p. 1).

As autoras Prass e Appel (2010) mencionam as características da literatura feminista, e entre elas podemos ver no conto de Colasanti: dificuldade em conviver em sociedade, no trecho em que a mulher não atravessava praças; falta de afeto familiar, “foi deixando de se ocupar dela” (COLASANTI, 1986, p. 71) e amores mal resolvidos, o homem perdeu o desejo que tinha e depois sentiu falta, mas não conseguiu concertar seu erro.

A escrita literária feminina normalmente nos apresenta experiências de vida, seja da mulher que escreve ou o relato de alguém a ela próximo, conhecido; logo, se trata de uma enunciação do ser que possui plena consciência de seu papel perante a sociedade. Essa consciência própria que é colocada pelas autoras pode ser notada na voz das personagens, do narrador etc.; relatando muitas vezes as diferenças entre sexos, que a sociedade assimilou, impedindo o desenvolvimento dos direitos de expressão de todos (homens e mulheres) (PRASS; APPEL, 2010, p. 37).

O feminismo foi uma opção política abraçada por algumas escritoras, ajudando e enriquecendo nossa cultura, a aceitação, a identidade e a conscientizar as mulheres de nossa sociedade sobre os problemas que possam enfrentar dentro de seus lares.

1 A mulher na sociedade

No decorrer da história, a mulher sempre foi submissa ao homem, dominador dos espaços sociais. As mulheres ficavam em casa e faziam o serviço destinado a elas. Na atualidade, ainda há raízes nesse período, mas uma lenta mudança se faz lentamente, com a aquisição de alguns direitos que



reconhecem a mulher como cidadã, como os homens: o direito ao voto e o direito à educação foram fundamentais para alavancar as mudanças. Infelizmente, muitos homens ainda veem a mulher como objeto, não permitindo a elas muito espaço no meio social, político e econômico.

No século XIX não era interessante que existissem mulheres que pensassem diferente da norma masculina hegemônica, elas deviam cumprir o papel imposto pela sociedade. Simone de Beauvoir era uma mulher singular e no século XX foi vista como uma ameaça, por fazer parte de uma revolução feminista, a qual as mulheres pudessem ter voz na sociedade e na história. A cada época ocorreram mudanças em todos os âmbitos e Beauvoir, em sua obra, pode demonstrar que suas reflexões eram voltadas às circunstâncias que o indivíduo está inserido, ou seja, em cada período as necessidades não são as mesmas e as lutas por direitos se alteram conforme as mudanças sociais (RIBEIRO; FRANÇA, 2014, p. 3).

A história de nosso país seguiu a da Europa, principalmente, já que fomos colonizados por países pertencentes a eles. O principal movimento pelos direitos da mulher se iniciou nesse continente, e chamam o de feminismo. Passou-se a requerer direitos iguais aos dos homens, pois foi um período de luta para as mulheres. As mulheres passaram a ganhar mais autonomia quando tiveram que trabalhar fora durante as grandes guerras, substituindo o trabalho masculino. De acordo com Stuart Hall (1999):

O feminismo faz parte daquele grupo de “novos movimentos sociais”, que emergiram durante os anos sessenta [...] juntamente com as revoltas estudantis, os movimentos juvenis contra culturais e antibelicistas, as lutas pelos direitos civis, os movimentos revolucionários do “Terceiro Mundo”, os movimentos pela paz [...] (HALL, 1999, p. 44).

A evolução da mulher deu-se aos poucos, mas o ponto alto foi o movimento feminista. “(...) o Feminismo adquire uma enorme importância ao questionar a organização social, política, econômica e cultural em um mundo



profundamente hierárquico, autoritário, branco e excludente” (RAGO, 1995/1996, p. 12).

Por muito tempo a intenção do feminismo parecia ser apenas a integração das mulheres como um sujeito político e social nos campos das ciências sociais, não que esse fator não seja importante, porém o movimento feminista buscava, além desse fator, a sua inclusão em diversos campos disciplinares ou aos paradigmas vigentes, a quebra ou um abalo nesses paradigmas (RIBEIRO; FRANÇA, 2014, p. 4).

A obra *O segundo sexo* (1949), de Simone Beauvoir, é o marco para se pensar o feminismo na sociedade. Ela discute a relação entre homem e mulher, e deixa clara sua visão no trecho a seguir: “Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino” (BEAUVOIR, 1967, p. 7). A autora acrescenta que o homem acredita ser um ser pensante sem a mulher, mas ela precisa dele para conseguir pensar.

Foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta. Desde que ela deixa de ser uma parasita, o sistema baseado em sua dependência desmorona; entre o universo e ela não há mais necessidade de um mediador masculino (BEAUVOIR, 1967, p. 449).

Beauvoir (1967) afirma que a igualdade entre os sexos só acontecerá quando as mesmas exigências sejam feitas aos homens e as mulheres. Haja igualdade entre os sexos desde a infância. E que isso é uma etapa difícil, já que a menina é treinada desde pequena nos afazeres domésticos. A mulher pode ser vista também como objeto por alguns homens que veem a beleza como um prêmio a exibir, uma característica do machismo que envolve a sociedade. E isso influencia o comportamento da mulher.



A visão de beleza mudou com o passar do tempo, de acordo com a cultura sendo modificada, as vestimentas também. Na visão da autora Del Priori (2013) as mulheres passaram a valorizar mais o corpo do que a alma. “Nosso tormento não é mais fogo do inferno, mas a balança e o espelho” (DEL PRIORI, 2013, p. 176). Assim, a sociedade masculina ainda cobra a aparência. A autora relembra:

Más notícias na entrada do século XXI: as mulheres continuam submissas! De quase nada adiantou a propalada revolução sexual, a queima de sutiãs em praça pública, a difusão da pílula. É como se quiséssemos continuar como as eternas representantes do “sexo frágil”, a quem tudo se impõe (DEL PRIORI, 2013, p. 257).

A mídia propaga a imagem de mulher jovem e bonita, com isso as mulheres “[...] investem tudo o que podem na aparência externa” (DEL PRIORI, 2013, p. 257). A pressão que sofrem da sociedade, os risos que ouvem e as ofensas atingem as mulheres, levando-as a tentar seguir os padrões de beleza estabelecidos. “Pode não parecer evidente, mas as relações com o corpo revelam o tipo de identidade que estamos construindo” (DEL PRIORI, 2013, p. 257):

A mulher (..) sabe que quando a olham não a distinguem de sua aparência: ela é julgada, respeitada, desejada através de sua toalete. Suas vestimentas foram primitivamente destinadas a confiná-la na impotência e permaneceram frágeis (...) (BEAUVOIR, 1967, p. 443).

No conto de Marina Colasanti, o marido vê a esposa como objeto de desejo, e que ela desperta nos outros homens da sociedade é o mesmo que ele sente. Esse fato causa ciúmes, por isso ele tira a beleza e feminilidade da mulher, representada pelos adornos, com o passar do tempo ele sente saudade



do que ela lhe despertava através da beleza. No conto está o reflexo de nossa sociedade nesse quesito também.

2 A mulher e a violência no lar

No conto “Para que ninguém a quisesse”, de Marina Colasanti, a mulher é oprimida perante a sociedade; seu marido retira dela sua beleza aos poucos. A narrativa se dá com o narrador explicando o motivo da obsessão do marido: “Porque os homens olhavam para sua mulher” (COLASANTI, 1986, p. 71). Ele mostra como a mulher deve se vestir para não atrair a atenção dos outros homens, um costume que vem do patriarcalismo. Tirando vestimentas, como saia curta, salto alto, decote, que acredita chamar a atenção dos homens e a cada item que ele retira, a vaidade da esposa se perde.

A falta de valorização, do marido e dos homens da sociedade, destrói a mulher e acaba transformando-a em um objeto do lar “mimetizada com móveis e as sombras” (COLASANTI, 1986, p. 71). Sombras, pois não tem mais sua feminilidade notada pelos homens. Não é vista mais como um ser que desperta desejo e sentimentos e sim um ser imperceptível para os homens da sociedade. Causando satisfação ao marido, pois ela não tinha a atenção dos outros homens.

O que ocorre no conto de Marina Colasanti é um tipo de violência, considerada violência de gênero, pois envolve sexos opostos, podendo ser física ou psicológica. Ela está relacionada com a história e a cultura dos povos, baseadas na igreja, na escola, na família e até no Estado. A opressão da mulher é um valor passado de geração em geração, por isso é tão difícil dissolvê-lo. Lembrando que esses papéis, submissão e opressão, foram construídos pela história e pela sociedade.



[...] escancaram a postura das personagens femininas frente às tentativas de dominação em relação a seus companheiros. De um lado; a repressão, a sujeição, a dominação e a dependência e, de outro; a inquietação, o inconformismo, a insubordinação e a ação constituem as bases sobre as quais se alicerçam as representações do feminino na produção ficcional de Colasanti. Seus contos constituem um espaço onde a postura, as atitudes e a condição das mulheres podem ser repensadas. As soluções para os problemas das personagens germinam do íntimo de cada uma delas, sem a necessidade de recorrer a elementos externos para aliviar ou resolver tensões (GOMES, 2007, p. 163).

As mulheres, desde a colonização, são tidas como submissas aos homens “com a colonização agrária e escravidão resultou no chamado patriarcalismo brasileiro” (DEL PRIORE, 2013, p. 12). Esse patriarcalismo tinha o pai como uma figura forte socialmente que dominava seu lar, isso transformava a mulher em resignada. No conto, a mulher não apresenta desejo por outro homem em nenhum momento da narrativa. “Apesar disso, sua beleza chamava a atenção” (COLASANTI, 1986, p. 71). Nesse trecho percebemos que ela desperta esse desejo, na opinião do marido.

Del Priore (2013) afirma que a igreja vangloriava a relação de exploração da mulher e a relação de poder que existia na escravidão, esse apoio transformou a mulher na escrava do lar: a figura responsável pelo lar, servindo ao marido e filhos. A autora D`Incao (2004, p. 223) complementa, que “[...] filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças é desobrigada de qualquer trabalho produtivo representam o ideal de retidão e probidade, um tesouro social imprescindível”.

Quando o homem tira a beleza da mulher, ele retoma ao que ocorria no início da sociedade e no decorrer de muitos anos, as mulheres quase não saiam de casa e realizavam atividades voltadas ao lar, confirmando sua dependência à família. Sem ser considerada útil e bela, ela perde sua autoestima, não reconhece em si suas qualidades.



No conto “Para que ninguém a quisesse”, o homem sentiu muito ciúme da esposa, pois ela atraía vários olhares de outros homens: “[...] a mulher era senhora da beleza e sensualidade – aliás, beleza considerada perigosa, pois capaz de perverter os homens; sensualidade mortal [...]” (DEL PRIORE, 2013, p. 177). Esse foi o motivo que o levou a tirar dela seu amor próprio, sua beleza, sua confiança e vontade de ser mulher. Essa atitude impediu que ela usasse roupas curtas, salto alto, decote, maquiagem, joias, cabelos longos, impondo uma na esposa uma violência psicológica, fazendo-a perder a vontade de se arrumar novamente e de ser mulher, além de tirar dela a sensualidade.

O homem cria em si um sentimento de possessão em relação à esposa, através da qual a transforma em um ser feio perante a sociedade e para ele mesmo. Os verbos “mandou” e “exigir” deixam clara a pressão que exerce sobre a mulher, fazendo-a obedecer: “[...] mandou que descesse a bainha dos vestidos [...] foi obrigado a exigir que eliminasse os decotes” (COLASANTI, 1986, p. 71):

(...) sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, de reconhecimento, ou, em última instância, do sentimento (BOURDIEU, 2010, p. 7).

Depois de violência psicológica, representada pela perda dos objetos e pela mudança do comportamento imposto à mulher, a violência passa a ser física, quando ele toma a atitude vista no verbo “tosquiou-lhe”, no trecho “pegou a tesoura e tosquiou-lhe os longos cabelos” (COLASANTI, 1986, p. 71). Tem nesse excerto, a comparação da mulher com um animal, já que o verbo é mais utilizado para referir-se as ovelhas, teria sido menos ofensivo se



utilizasse a verbo cortar. De acordo Gisele Rocha Côrtes, a violência contra a mulher

(...) constitui um sério problema social que afeta milhares de mulheres cotidianamente em todo o mundo. É uma grave manifestação da violência de gênero, e atinge as mulheres de todas as idades, classes sociais, etnias, graus de escolaridade, orientação sexual e religião (CORTÊS, 2009, p. 11).

Não deixando de mencionar que os dois personagens, apresentados no miniconto, não são nomeados porque representam a população em geral, mostra que o sofrimento vivido pela esposa é algo que atinge várias mulheres na sociedade brasileira. O marido, aos poucos, desbota a feminilidade da esposa, destrói sua vaidade e autoestima. A mulher se torna uma sombra na casa, mesmo assim ela não sai de casa, sempre dependente do marido.

Afinal, ela não passa de um objeto, sem vida e sem vontade de realizar nada. Ela andava “(...) esquivada como um gato” (COLASANTI, 1986, p. 71), não se envolvia mais na sociedade, e não deixava mais ninguém se aproximar. O marido ficou contente em descansar já que, sem beleza, ela não despertava o interesse de outros homens.

Com o tempo, o homem sentiu falta do desejo que tinha pela esposa “uma fina saudade (...) Não da mulher. Mas do desejo inflado que tivera por ela” (COLASANTI, 1986, p. 71), então tentou trazer os objetos que antes a embelezavam, mas não foi o suficiente para trazer-lhe o amor próprio de volta. Ele já havia destruído e ela vive pelos cantos da sociedade. Na narrativa há uma visualização do que acontece na sociedade, dos problemas que as mulheres vivenciam em suas casas.

Ao final da narrativa, temos a rosa representando o amor que está desbotado, por não amar mais a si mesma, ela não aceita mais seus desejos, suas vontades “a rosa tornou-se símbolo do amor e mais ainda do dom do



amor, do amor puro (...)” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2007, p.789). Infelizmente a alma dela já não foi despertada para o que ele gostava anteriormente. Ela se sentia um objeto incapaz de desejar e de se amar novamente.

Essa resignação do feminino faz com centenas de mulheres são espancadas e humilhadas por seus maridos e companheiros, por isso, no Brasil, em 2006, foi criada a lei Maria da Penha para coibir a violência doméstica e familiar. A lei cria um juizado para trabalhar com esse tipo de violência e leis específicas para tal, punindo devidamente os envolvidos.

Conclusão

Neste artigo foi realizada uma leitura do conto de forma a visualizar como ocorre a violência contra a mulher no conto “Para que ninguém a quisesse” de Marina Colasanti: a mulher perde a sedução que exercia sobre os homens na sociedade, e é tida como um objeto pertencente ao marido.

Quando pensamos na violência doméstica, estamos preocupados em identificar as normas que regulam homens violentos que controlam e punem suas esposas em nome da manutenção da ordem familiar. Em situação de conflito, o espaço da família passa a ser um território de desrespeito à mulher (TORRES; GOMES, 2018, p. 80).

Na obra, temos a mulher como objeto de desejo, mas o ciúme levou o marido a tirar o que causava a atração em outros homens e o que ele mesmo amava na esposa. Inicialmente o homem tira a beleza da esposa porque o ciúme o dominou, mas depois que ela passa a ser um objeto na casa sem lhe despertar desejo algum, ele volta a lhe dar coisas para ela retornar a beleza



novamente aos poucos. Ele tenta controlá-la de novo, mas percebe que não tem controle total, pois sobre as emoções não consegue fazer mais nada.

Tirando esses objetos, já mencionados, ela passou a ser um objeto do lar que andava pelos cômodos, provavelmente fazendo a função de limpeza, e no fim ele sente saudade de sentir desejo por ela e de vê-la bonita de novo, mas é tarde. A mulher no conto não tem voz, aceita tudo o que o marido exige, somente no final ela ignora as ações do marido, porque nada mais importa. Esse “silenciamento”, de acordo com Bourdieu (2002) é efeito de uma violência simbólica sofrida pela mulher.

A literatura é um reflexo da sociedade. Então, por meio dessa análise, percebe-se que a violência psicológica é tão prejudicial quanto a física. Ela causa danos que não podem ser reparados. Com o aumento da violência, torna-se importante a conscientização de que ela não é somente física, mas também psicológica, como observamos no conto “Para que ninguém a quisesse”, de Marina Colasanti. Lembrando: a literatura representa fatos da nossa sociedade.

Referências

ALVES, Regina Célia dos Santos; RONQUI, Ângela Simone. A representação da violência contra a mulher em alguns contos de Marina Colasanti. In: **Revista Ipotesi**, Juiz de Fora, v.13, n. 2, p. 127-133, jul/dez 2009.

BEAUVOIR, S. **O segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Tradução De Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: A Experiência Vivida**. Tradução De Sérgio Milliet. 2 ed São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.



Vol. 19, nº 2 (2020)

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. **Lei Maria da Penha** - Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006.

Disponível em <<https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/violencia-psicologica-contra-a-mulher>> Acesso em 18 nov. 2019.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 21. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

COLASANTI, Marina. **Contos de Amor Rasgados**. São Paulo: Círculo do livro, 1986.

CÔRTEZ, Gisele Rocha. **Violência Doméstica contra Mulheres**: Centro de Referência da Mulher. 2008. Dissertação. Araraquara.

D' INCAO, Maria Angêla. Mulher e família burguesa. In: **História das mulheres no Brasil**. Mary Del Priore (org); Carla Bassanezi (coord. de textos). 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias e Conversas de Mulher**. São Paulo: Planeta, 2013.

DOURADO, Tânia. Tricotando o feminino com Marina Colasanti. **Diário do Nordeste**. Especial para o Caderno 3, 07 de Outubro de 2017. Disponível em <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/verso/tricotando-o-feminino-com-marina-colasanti-1.1832025>> Acesso em: 26 out. 2019.

GOMES, Anderson. “A quem interessar possa”: Entrevista com Marina Colasanti. In: **UNILETRAS 29**, dezembro de 2007, p. 161-169. CDD 070. Disponível em <www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/download/179/178> Acesso em 18 maio 2019.



GUIMARÃES, Maria de Fátima. Trajetória dos feminismos: introdução à abordagem de gênero IN: CASTILLO-MARTIN, Márcia; OLIVEIRA, Suely de. **Marcadas a ferro: violência contra a mulher, uma visão multidisciplinar**, Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005.

HALL, Stuart. Nascimento e morte do sujeito moderno. In: _____. **A identidade cultural da pósmodernidade**. 3 ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

PAULINO, Simone Campos. **Nos fios das narradoras: tramas e urdiduras do feminino nos contos de fadas de Angela Carter e Marina Colasanti**. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras, 2014.

PRASS, Tamiris Slongo; APPEL, Maria Lia Genro. O conto feminino contemporâneo no Brasil: Representações do feminino IN: **Signos**, ano 31, n. 2, p. 31-40, 2010.

RAGO, Margareth. Adeus ao Feminismo? Feminismo e (Pós) Modernidade no Brasil. In: **Cadernos da AEL**. N. ¾, 1995-1996. pp.11-43.

RIBEIRO, Tamires Almeida e FRANÇA, Fabiane Freire. Simone de Beauvoir e o movimento feminista: contribuições à Educação. In: **Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas**, ISSN 2177-8248 Universidade Estadual de Londrina, 27 a 29 de maio de 2014.

SANTOS, Cecília MacDowell & IZUMINO, Wânia Pasinato. Violência contra as mulheres e Violência de Gênero: Notas sobre Estudos Feministas no Brasil. In.: **Revista E.I.A.L.**, 2005.

TORRES, Érica Gislene Paula; GOMES, Carlos Magno. Leitura literária do corpo feminino em Marina Colasanti. In: **Revista Fórum Identidades**. Itabaiana- SE, Universidade Federal de Sergipe, v. 26, p. 77-93, jan-abr, de 2018.